



# DISTOPIAS URBANAS

**Rogério Proença Leite**  
**Ewerthon C. J. Vieira**  
Organizadores

COLEÇÃO  
SOCIOLOGIAS  
NECESSÁRIAS



Criação Editora



# **DISTOPIAS URBANAS**

## **DISTOPIAS URBANAS**

Organizadores  
Rogerio Proença Leite  
Ewerthon C. J. Vieira

Expediente:  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFS  
Coordenador Dr. Marcelo Alario Ennes

### **COLEÇÃO SOCIOLOGIAS NECESSÁRIAS**

Coordenadores da Coleção  
Dr. Frank Marcon  
Dr. Marco Aurélio Dias de Souza  
Dra. Vilma Soares de Lima Barbosa

Revisão  
Danielle de Noronha  
Taís C. S. de Figueiredo

**ISBN**  
**978-65-88593-71-4**

### **EDITORA CRIAÇÃO CONSELHO EDITORIAL**

Ana Maria de Menezes  
Christina Bielinski Ramalho  
Fábio Alves dos Santos  
Jorge Carvalho do Nascimento  
José Afonso do Nascimento  
José Eduardo Franco  
José Rodorval Ramalho  
Justino Alves Lima  
Luiz Eduardo Oliveira  
Martin Hadsell do Nascimento  
Rita de Cácia Santos Souza



COLEÇÃO  
SOCIOLOGIAS  
NECESSÁRIAS

4

# DISTOPIAS URBANAS


**Rogério Proença Leite**

**Ewerthon C. J. Vieira**

**ORGANIZADORES**



**Criação** Editora  
Aracaju | 2021



Copyright 2021 by Rogério Proença Leite; Ewerthon C. J. Vieira

Grafia atualizada segundo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico  
Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)  
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

L533d Leite, Rogério Proença; Vieira, Ewerthon C. J. (orgs.).  
Distopias urbanas / Organizadores: Rogério Proença  
Leite e Ewerthon C. J. Vieira. -- 1. ed. -- Aracaju, SE : Criação  
Editora, 2021.  
342 p.; il. tabs.; quadros.  
(Coleção Sociologias Necessárias, n. 4).  
Inclui bibliografia.  
ISBN 978-65-88593-71-4

1. Ciências Sociais. 2. Culturas Urbanas. 3. Sociedade.  
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD 302.5  
CDU 316.324

#### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Ciências sociais: Interação social dentro de grupos / Relações individuais com a sociedade.
2. Ciência política: Sociedade (sociologia).

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LEITE, Rogério Proença; VIEIRA, Ewerthon C. J. (orgs.). **Distopias urbanas**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021. (Coleção Sociologias Necessárias, v.4). E-Book (PDF 2 Mb). ISBN 978-65-88593-71-4.


## Sumário

- 9**      **Apresentação**  
Rogerio Proença Leite  
Ewerthon C. J. Vieira
- 15**     **Tem alguém aí? Sobre a Pandemia Sonora das Outras Cidades**  
Carlos Fortuna
- 29**     **Distopias em uma sociedade dualizada**  
Irllys Alencar F. Barreira
- 47**     **Desigualdades socioespaciais e pandemia: a dimensão metropolitana da COVID-19**  
Lucia Maria Machado Bógus  
Luís Felipe Aires Magalhães
- 77**     **Cultura da criatividade e espetacularização urbana na sociedade neoliberal: notas sobre a imagem da cidade de Aracaju/SE**  
Ewerthon C. J. Vieira
- 109**    **O cenário de distopia “Recife Frio”: uma análise comparativa com o urbano em Aracaju em tempos de pandemia**  
Bárbara Silveira Abril  
Luciano Silva Vasconcelos

- 129**      **Largo da Gente Sergipana: representatividade e conflitos em espaços culturais urbanos**  
Daniela Senger
- 145**      **Consumo e sociabilidade urbana na área central de Pelotas/RS. Apontamentos para pesquisas em cidades médias**  
Eder Malta
- 173**      **Deslocamentos pendulares e trabalho: a importância do lugar em um cotidiano fraturado**  
Sergio Ricardo Gomes dos Santos Melo
- 197**      **Um novo sujeito: reflexões sobre empowerment e educação**  
Sarah Karenine Proença
- 213**      **A Cacofonia da cidade e o s(om)ilêncio da identidade**  
Cristiano Ricardo de Azevedo Pacheco
- 229**      **Reflexões sobre o Calçadão Praia Formosa em Aracaju-SE: a produção de um cartão postal**  
Cindy Rosa Melo
- 255**      **O despejo de uma estética da práxis**  
Josevânia Nunes Rabelo
- 293**      **Cidades Literalizadas: o uso estratégico da literatura de Jorge Amado como incentivo ao consumo cultural em Salvador**  
Mário César de Souza
- 311**      **Uma introdução à psicopolítica: autovigilância e ascese do desempenho**  
Rogerio Proença Leite



# TEM ALGUÉM AÍ? SOBRE A PANDEMIA SONORA DAS OUTRAS CIDADES

 Carlos Fortuna<sup>1</sup>

Lisboa nua  
Despida sem querer  
Coitadinha de você  
Tão sozinha e vulnerável  
Sem sua gente amável  
Lisboa não tem culpa porquê  
O medo tomou conta de você  
(...)  
Valéria Carvalho, *Lisboa Nua*<sup>2</sup>.

OS DIVERSOS SOBRESSALTOS gerados pela pandemia da COVID-19 atingiram severamente os modos de estar nas cidades. Além de tudo o que se alterou de forma inesperada e com grande intensidade quer no domínio das práticas sanitárias (pessoal médico, equipamentos hospitalares e soluções técnicas), quer no plano da reação política e social (medidas restritivas e confinamentos, negacionismos), a COVID-19 suscitou numerosas reflexões na esfera da comunicação e no campo da

---

<sup>1</sup> Professor da Faculdade e de Economia, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. E-mail: cfortuna@gmail.com

<sup>2</sup> Valéria Carvalho, Lisboa Nua. (<https://anabranco.blogs.sapo.pt/lisboa-nua-uma-homenagem-de-valeria-85916>)



pesquisa acadêmica. Na medida em que a busca de soluções se focou nas ciências biomédicas e farmacológicas, estas ganharam proeminência nas agendas de investigação e na escala inaudita dos projetos dos financiamentos captados. Hoje, quando estão já disponíveis prometedoras vacinas, esta narrativa técnica perde peso na sua anterior hegemonia e a reflexão desloca-se gradualmente para a política de desconfinamento, os contornos políticos da vacinação e sua desigual distribuição.

Neste cenário, a intervenção das ciências sociais e humanas foi mais limitada e captou muito menor atenção pública. A sociologia, a antropologia e a ciência política, por exemplo, tardaram em focar a problemática da calamidade e grande parte do seu discurso adotou um viés de julgamento e debate públicos, desprovidos dos habituais fundamentos teórico-conceituais e metodológicos requeridos pela prática investigativa. À parte alguns ensaios de mais aturada reflexão filosófica produzidos em 2020, na fase inicial de quase descontrolada contaminação – que, no entanto, ainda se mostra violenta em vários recantos do mundo – surgiram valiosos textos, como sejam os estudos de pensadores como Bernard-Henri Lévy (2020), Boaventura de Sousa Santos (2020), Daniel Innerarity (2020), Ivan Krastev (2020), e Slavoj Žižek (2020), a que se juntam muitos outras intervenções de intelectuais e académicos que opinam sobre a matéria, com assinalável prontidão e naturalidade, embora, por vezes, com menor ponderação e profundidade que os primeiros.

Na verdade, a pandemia deu origem a uma manifesta onda de estudos e reflexões *fast thinking* traduzida na volumosa produção de textos breves e depoimentos enunciando não tanto as causas, mas, sobretudo, os eventuais efeitos socioculturais trazidos pela COVID-19 e os seus desenvolvimentos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Entre as principais plataformas digitais de registo de títulos (livros e artigos), a Google Scholar anunciava, desde o ano de 2020 até abril de 2021, um total de 149.000 títulos com o descritor “COVID-19”, sendo 19.400 os títulos disponíveis em língua portuguesa. Por sua vez, a *WorldCat* indica 440.592 entradas com o mesmo descritor, a que se juntam os 99.512 resultados incluídos na *Web of Science* e os 1.040,728 resultados registados na *EBSCO Discovery Service*.



Permito-me indicar ainda a série de debates, seminários online e webinars que, com mais limitadas intenções de afirmação do pensamento consolidado sobre o tema do que a produção escrita, contribuíram para alertar o pensamento no meio acadêmico e universitário, tirando vantagens do generalizado uso da internet (Ward, 2020). É sobre uma destas participações pessoais que trata o presente texto, sendo esta uma oportunidade para renovar o meu agradecimento aos colegas organizadores dessa série de “conversas” – **Repensar as Cidades – Urbanidades Distópicas** – patrocinada pela Universidade Federal do Sergipe.

### **A ausência das “outras cidades”**

A sugestão para abordar a temática da pandemia a partir da perspectiva das cidades e dos seus efeitos nas urbanidades, entendidas como modos de estar e de relação ao urbano, convida a enunciar uma nota prévia: um dos efeitos mais sensíveis provocados pela COVID-19 foi a política de confinamento doméstico que, em si, coloca a muito sensível questão das condições desiguais em que esse confinamento se pode processar. Na verdade, atendendo aos milhões de favelados e de sem-abrigo nas geografias da destituição de tantos e tantos países, em termos práticos, a obrigação de confinar não pode significar reclusão em casa, mas antes deve ser lida como aviso para não permanecer na rua, seja qual for o estrategema a adotar para concretizar essa medida.

A rua surge, deste modo, como espaço-sujeito distópico, que deve ser evitado a todo o custo porque aí se propaga e consome o perigo da contaminação. A rua, o espaço de criatividade cultural e cívica da retórica encantatória da urbanidade, onde se forjou a interação social moderna e se caucionou o conflito entre opostos, é agora a fonte primeira dos malefícios sanitários. A rua urbana passou a ser vista como a “rua dos outros”, dos ameaçadores transmissores do vírus e da doença e morte, que não a rua daqueles cautelosos e prevenidos urbanitas que a devem evitar. De repente, a rua urbana surge convertida em território



de todo o medo que tomou conta das cidades, como prefacia a lírica com que abro este texto. Renovou-se, assim, uma velha fobia urbana que, como outrora, faz recear e, por isso, despe os espaços da convivência e da partilha urbanas.

Muitas das políticas restritivas de combate ao vírus revelam a indolência do pensamento e a falta de reflexão sociológica que preside a muitas narrativas ações decretadas por políticos e decisores. No campo oposto, encontram-se as narrativas e as ações daqueles que negam a perigosidade sanitária universal da COVID-19 e adotam e defendem o mais ignaro e inaceitável comportamento em espaços públicos.

O raciocínio de alguns políticos e decisores assemelha-se a muitos dos descuidos teóricos avaliativos do urbano, como são algumas das mais falaciosas conclusões da sociologia urbana convencional. Baseada na experiência sócio-histórica das cidades industriais Ocidentais – Berlim, Londres, Paris, Manchester e outras – a sociologia urbana convencional, produzida por acadêmicos oriundos dessas mesmas geografias da centralidade socioeconômica, ignorou os trajetos e as ambiências urbanas que tipificam as cidades do que hoje surge designado como o Sul global. Do mesmo modo que a rua perigosa se converteu na “rua dos outros”, também essas cidades podem, por analogia, ser tratadas como as “outras cidades”.

Estas “outras cidades” colonizadas, pobres e afastadas do eixo geodésico do capitalismo euro-americano, constituem hoje exemplos gritantes de um urbanismo invertido. O seu crescimento e as condições de vida que revelam não resultam nem de qualquer desenvolvimento econômico florescente, nem de qualquer oferta digna de emprego e sustento, como também nada devem a um estado social capaz de assegurar direitos típicos da cidadania urbana. Constituem, desde a sua formação, um desafio epistemológico para o entendimento das urbanidades modernas, só compaginável nos termos da chamada “sociologia das ausências” (Santos, 2006).

As “outras cidades” não são apenas as geografias exógenas dos lugares distantes, uma vez que elas estão **dentro** e fazem parte inte-



grante das cidades que a sociologia urbana convencional conhece melhor. São também os territórios urbanos marginalizados e precários onde pontua a não-participação política dos seus residentes, tanto nos seus como nos nortes globais. Este é o *missing factor* que ressalta de muitas análises da urbanidade pós-colonial (Roy, 2009; Simone, 2014) e que encontra réplicas ampliadas em tantas e tantas considerações sobre a COVID-19 nos contextos urbanos autoritários de escala mundial.

A estas “outras cidades” não foi atribuído o reconhecimento acadêmico próprio da vida urbana sensível. Se a materialidade estrutural das suas vivências e hierarquias sociais e simbólicas é o que mais faz sobressair a invisibilidade acadêmica das “outras cidades”, esta recorrente dificuldade em incluir o lado da vida sensível dessas urbanidades acentua a marginalização e a incompletude da sua compreensão. A cidade da pandemia constitui, neste sentido, também ela, uma cidade outra, porquanto é escasso o manancial de conhecimento disponível sobre os modos de organização e funcionamento das suas estruturas e recursos. Ameaçada a integridade da sua estruturação pela COVID-19, a cidade pandêmica é vítima de escassa reflexão interpretativa que a converte em território desconhecido, muito à semelhança da cegueira cognitiva da sociologia que tem colocado à margem o universo das cidades e metrópoles do Sul global.

Pretendo destacar duas dimensões da vida sensível que se encontram em geral ausentes da análise das “outras cidades”. A primeira dimensão diz respeito à informalidade econômica – da residência ao emprego –, às formas alternativas de relação social e aos sentidos díspares dos valores cultivados como realidades impensadas da urbanidade que, negligenciados cognitivamente, acabam por, via indireta, serem comparáveis e conferir legitimidade à narrativa política, mormente no tocante aos recentes impactos da COVID-19.

A experiência de “aceleracionismo” sociocultural é a segunda das dimensões que agravam o cenário urbano das “outras cidades”. O conceito de aceleracionismo retiro-o do trabalho de Hartmut Rosa (2015)



que reelabora o sentido linear da velocidade da vida social – a lógica do tempo instantâneo, pessoal e profissional (Sennett, 1999; Urry, 2000) – para assinalar o volume crescente de atividades ou experiências desempenhadas a cada unidade de tempo. Veja-se, nesse sentido, como contrasta o ritmo do crescimento demográfico (natural e migratório) de muitas das “outras cidades” com o panorama do crescimento das metrópoles europeias: por exemplo, enquanto Lagos, na Nigéria, cresce ao ritmo de 58 novos moradores por cada hora e Daca, no Bagladesh, cresce com novas 50 pessoas/hora, em contraste, Londres ou Berlim registam 6 ou entre 1 e 2 pessoas por hora, respectivamente (Fortuna, 2020a).

São realidades como essas que agravam o cenário descrito dos efeitos da pandemia nesses territórios marginalizados. Contudo, é impossível não pensar naquilo que, apesar do “aceleracionismo” de hoje, se conserva e não se altera. Pode soar precipitado e é certamente injustificado neste texto, mas diria, para ser sintético, que aquilo que não muda e se reproduz no mundo pobre do Sul global é a **sub**-vivência e a destituição das amplas margens pobres de população destas metrópoles.

A chamada de atenção para o lado sensível da vida que continua ausente da compreensão que a sociologia urbana convencional pode enunciar-se através das “sensibilidades sensoriais” entendidas como modalidades e dispositivos que operam a relação humana com o mundo (Rosa, 2019). Entre estas sensibilidades, o ato de respirar foi a que ganhou maior proeminência no debate científico e jornalístico sobre COVID-19.

## Os ares da cidade sufocam?

Respirar, enquanto relação com o mundo, só surge como matéria objetiva capaz de cativar a atenção sociológica, em situações limite. Assim sucede com a análise do impacto causado pelo *Great Smog* londrino que, em dezembro de 1952, assumiu proporções assustadoras ao provocar milhares de mortes devidas ao fortuito acontecimento meteorológico-



co.<sup>4</sup> Situações similares têm sido experimentadas em diversas metrópoles como São Paulo, Sidney, Pequim ou Nova Deli, sempre associadas a efeitos concertados das deflorestações e de incêndios de larga escala, da poluição urbano-industrial e das mudanças climáticas súbitas, arrastando enorme perigosidade para o sistema pulmonar, em especial para as crianças, sujeitas a efeitos irreversíveis.<sup>5</sup>

A Organização Mundial de Saúde dá conta de cerca de 90% da população mundial que reside em lugares de deficiente qualidade do ar que se respira. Muitas dessas limitações respiratórias têm origem política e podem mesmo ser causadas pela violência policial, como o grito lancinante – *I can't breathe* – com que, em Minneapolis a 25 de maio de 2020, George Floyd sufocou até à morte causada pela pressão continuada do joelho do agente policial.

A COVID-19 veio dar à respiração o estatuto de objeto autônomo, revelador da relação de maior ou menor abertura ou reserva e precaução que cada pessoa mantém com esse bem comum que é a atmosfera em seu redor. De repente, em março de 2020, respirar, sobretudo, respirar sem cautelas nem proteção, passou a ser particularmente perigoso e objeto de crítica social. Recordar o sentido libertador e emancipatório prometido pelo aforismo medieval alemão *Stadtluft macht frei!* (“Os ares da cidade libertam!”), conduz a admitir como os tempos de hoje configuram um retrocesso civilizacional, pelo menos enquanto tarda a solução científica capaz de eliminar os riscos da desprendida respiração nessas “ruas” que dissemos serem as “ruas dos outros”.

Respirar conduziu a um debate particular sobre a COVID-19 e a imposição do uso das máscaras protetoras como novo dispositivo de segurança respiratória. A respiração, pode-se dizer, assumiu então um estatuto próprio entre os modernos objetos da sociologia das cidades, que

<sup>4</sup> Veja-se ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_Nevoeiro\\_de\\_1952](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Nevoeiro_de_1952)). Acesso em 15/10/2020.

<sup>5</sup> Pode consultar-se [https://www.who.int/phe/health\\_topics/outdoorair/databases/cities/en/](https://www.who.int/phe/health_topics/outdoorair/databases/cities/en/). Acesso em 15/10/2020.



antes era monopolizado pelas ciências biomédicas e a disciplina pneumológica. Nesse desenrolar, instalou-se o conflito global focado nas precauções com o uso e a marca das máscaras. Cirúrgicas ou sociais, FFP2, NK95, de origem chinesa ou artesanais, o recurso a máscaras disponíveis no mercado dos dispositivos técnicos de segurança e veio complexificar como nunca as representações sobre aquilo que antes era o ato mais banal de existência. No limite, são as máquinas ventiladoras que artificializam a respiração e asseguram a relação vital mínima dos humanos com o mundo da COVID-19. A disputa em torno do mercado global das vacinas é tão-só a mais recente decorrência da evolução da pandemia e da evolução das reações técnico-científicas da sua contenção e evitamento.

De entre outras modalidades de “relacionamento” desigual dos humanos com o mundo urbano pandêmico são as sonoridades, a que me dedicarei de seguida para tecer algumas considerações sobre os sons e a pandemia para, nessa linha, abordar a questão da pandemia em contextos urbanos.

Os sons e ruídos do cotidiano urbano contam-se entre os *missing factors* mais salientes da cidade confinada. Como assinalei noutra lugar, a abrupta interrupção das habituais paisagens sonoras da cidade, torna-a desalmada e faz perder o seu sentido primordial de contínuo movimento e fluxo. Assim me expressei,

com as pessoas confinadas em casa, a cidade fica em suspenso. E a cidade suspensa é um oxímoro. (...) É também desconcertante a *paisagem do silêncio urbano* que se instala onde antes dominava o ruído. São tristes os cafés, as lojas, os museus, os cinemas e os jardins que anunciam estar “encerrados ao público”. Sem o “público” e sem a rua, a cidade desalmada repele (Fortuna, 2020b).

A cidade que repele é a cidades das relações “frias” e do caos gerado pelo vazio a que a COVID-19 remeteu as cidades e as ruas. O realismo de Edward Hopper parece ter antecipado como paisagem marcante da





interação urbana recatada, típica da periferia citadina americana de entreguerras.



Ed. Hopper, Nighthawks (1942)



Ed. Hopper, Automat (1929)

A meu ver, o isolamento pessoal e o distanciamento físico dos sujeitos urbanos de Edward Hopper revelam traços psicológicos particulares, em que se fundam as relações-sociais-de-não-relação que ilustram o receoso individualismo a que a COVID-19 forçou os residentes urbanos. O medo de uns e de outros, do ar que se respira, do ônibus que se compartilha, do ritual familiar interrompido, do trabalho em equipe que foi descontinuado são os inversos da interação urbana que, mesmo se hierárquica e tensional, compunha a regra da vivência urbana.

O refúgio nos ecrãs – celulares, computadores – e nas redes sociais – *facebook*, *twitter*, *whatsapp*, *zoom* - amenizou os efeitos devastadores dessa urbanidade desalmada. O recurso às tecnologias de comunicação fez diminuir os efeitos sociais mais negativos sentidos pelos idosos, mas também experimentados nas práticas recém-adotadas de ensinar/aprender e na quebra do convívio gerado no teletrabalho (Etzioni, 2020). Não é exagero pensar que talvez estejamos a forjar um novo *ethos* social e uma outra forma de estar de base fundamentalmente tecno-comunicativa, quiçá progressista, como fundamento de novas e basilares relações globais de convivência e solidariedade.

Ao afirmar isto, quero explicitar que essa eventual nova convivência não pode deixar de ser sonora e ruidosa. Foi o estranho manto de silêncio urbano com que a COVID-19 cobriu as cidades e as fez perder



a alma, ao suspender o que antes fazia delas um território sonoro de dinâmicas sociais que nos faz pensar como é, hoje, bem vindo o ruidoso cotidiano da urbanidade de sempre.

A ausência do ruído transmite a sensação estranha de que, repentinamente, tudo deixou de funcionar, o que remete para uma experiência inusitada, capaz de gerar desconforto pessoal e estranhamento. O silêncio da cidade COVID-19 é a irrefutável comprovação de como é anormal a “máquina” que se silencia. Também a “máquina” urbana se silenciou, como todas as outras máquinas que deixam de funcionar. O silêncio urbano – de que até a estridente sirene da ambulância faz parte – é marca da desordem sociocultural das cidades da pandemia. Queremos escutar tudo e estabelecer relações (sonoras) com o mundo, como mostra o prosaico ato de ligar o rádio do carro mal nos aprestamos a dirigi-lo.

Instalou-se assim uma renovada agorafobia. Não a da “doença das multidões” que os clássicos da sociologia urbana atribuíam ao confronto do indivíduo com a multidão, mas a gerada pela sua ausência e o perturbador vazio dos espaços da cidade. Um pouco por toda a parte, ir à janela cantar ao final do dia tornou-se uma prática ritualizada em cidades que insistiam em não perder a alma. Foi um sinal de vida que a voz coletiva dos grupos à janela devolvia às ruas e praças moribundas. Ali os sujeitos expunham-se ao ameaçador caos urbano, numa relação em tudo semelhante à indesejada “comunidade dos que não têm nada em comum” que, como diria o filósofo Alphonso Lingis (1994), é mera exposição aos sinais ameaçadores da morte.

Enquanto se cantava e aplaudia nas varandas, acenava-se aos vizinhos, o que se convertia em equivalente funcional das sociabilidades interrompidas pela pandemia. Ensaiaava-se, deste modo, uma sociabilidade sem socialização nem partilha. Reestabelecida por breves instantes, como os cumprimentos diários entre vizinhos ou conhecidos, este comedido aceno a distância nada mais era que mero simulacro, ainda que insinuasse uma futura vizinhança urbana mais calorosa e afetiva.



Essas sonoridades humanas funcionaram como um convite ao ruído de todos os dias e de todas as máquinas, exatamente como celebraram os futuristas italianos há um século (Fortuna, 2020c). Essa cultura do barulho, por sua vez, corresponde ao “som indesejado”, como o canadiano Murray Schafer (2012), o grande analista das modernas paisagens sonoras, caracterizou o ruído urbano e o historiador francês Jacques Attali considera não ser mais do que o “ruído dos outros” (Attali, 2001). Repentinamente, este ruído era bem vindo a instalar-se na paisagem das cidades (Fortuna, 2020c). Escutar esses cânticos e músicas vindas das varandas e terraços, e o sonoro e afável aplauso significava a esperançosa garantia de que “tudo iria ficar bem!”. O som da música e o canto eram comprovadamente expedientes valiosos de restabelecimento da relação humana com o mundo.

Num plano distinto, o mais lido semanário português – o jornal **Expresso** – de 17 de junho 2020, publicou uma matéria de Christiana Martins, em que eram relatadas inusitadas situações e comportamentos de pessoas que tinham sido hospitalizadas com COVID-19 no Hospital de Santa Maria, o hospital central de Lisboa. É comovente, para o analista da urbanidade, o relato de pessoas que, em estado crítico, ligadas às máquinas e ventiladoras, conservam viva e relatam a memória dos sons dos equipamentos hospitalares, garantindo que ser esse “o único sinal de continuarem vivas”. Diríamos, sem dúvida, que estas experiências – cantar à janela e reconhecer a existência de vida no som produzidos pelas máquinas – comprovam como a relação humana convalescente com o mundo (das máquinas) é também uma relação manifestamente sonora, em particular, em momentos de acentuada vulnerabilidade física. Isso mesmo surge confirmado pelo conhecido psiquiatra português Daniel Sampaio que relata o ambiente da sua hospitalização causada pela COVID-19, incluindo os 15 dias de ventilação, e reconhece que “a experiência foi muito dura porque há um barulho terrível e permanente provocado pelas máquinas a que os doentes estão ligados, com apitos e alarmes constantes” (Sampaio, 16 de abril de 2021, p. 20).



Também a cidade de Nova Iorque esteve “ligada às máquinas”. Mesmo quando silenciada pelo vírus, a memória da “cidade que nunca dorme” mostra-se sonora, como comprovaram as responsáveis pela Biblioteca Pública da Nova Iorque que decidiram produzir um CD com os sons gravados da ruidosa Manhattan pré-pandemia. “*Missing Sounds of New York*”<sup>6</sup> trouxe de volta os sons ausentes do cotidiano urbano da cidade. Tanto os sons **sub**tterrâneos – do metrô – como os **sup**raterrâneos - das praças, das avenidas e dos músicos de rua. Nas palavras da líder Angela Montefinise, a iniciativa foi uma “forma de ajudar a cidade”. Dir-se-ia, na linguagem utilizada aqui, procurar repor o fator ausente (*missing factor*) do ruído urbano é uma forma de solidariedade com todas as “outras cidades” e manter viva a sua alma. O acolhimento das pessoas ao som gravado da urbanidade novaiorquina foi entusiástico, carregado de tonalidades emocionais por se poder voltar a escutar o som da cidade e fazer da sua ressonância um sinal de vida pessoal e coletiva.

Os sons gravados de Nova Iorque, como todos os sons gravados, autorizam a escuta daquilo que pode ter sido eliminado por vias não-democráticas e o medo. Esses sons gravados do CD da Biblioteca de Nova Iorque, à semelhança de muitos dos sons cantados nas janelas, permitem “descolonizar o ouvido” que fora remetido ao caótico silêncio da cidade e veio autorizar a escuta libertadora de escutar tudo e todos os que partilham o mundo conosco. Escutar a atmosfera e o ambiente em redor é um ato sensível do consumo desse bem comum que, por isso, tem de ser protegido e experimentado sem reservas, tanto políticas como socioculturais.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xlqdvSIFn2w>. Acesso em 15/10/2020.

## Referências

- Attali, Jacques. **Bruits. Essai sur l'économie politique de la musique**. Paris: Fayard/PUF, 2001.
- Etzioni, Amitai. “**The Sociology of Surviving the Coronavirus**”. The National Interest. March, 16, 2020.
- Fortuna, Carlos. **Cidades e Urbanidades**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020a.
- Fortuna, Carlos. “**A cidade desalmada**”. (Disponível em A\_Cidade\_Desalmada-Carlos\_Fortuna.PDF (uc.pt), 2020b.
- Fortuna, Carlos. “O mundo social do ruído. Contributos para uma abordagem sociológica”. **Análise Social**, LV, 234, pp. 28-71, 2020c.
- Innerarity, Daniel. **Pandemocracia. Una filosofía de la crisis del coronavirus**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2020.
- Krastev, Ivan. **¿Ya es mañana? Cómo la pandemia cambiará el mundo**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2020.
- Lévy, Bernard-Henri. **Este vírus que nos enlouquece**. Lisboa: Guerra & Paz, 2020.
- Lingis, Alphonso. **The Community of Those Who Have Nothing in Common**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- Rosa, Hartmut. **Social Acceleration – A new theory of modernity**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2015.
- Rosa, Hartmut. **Resonance. A Sociology of our relationship to the world**. Londres: Polity, 2019.
- Roy, Ananya. “Strangely familiar. Planning and the worlds of insurgence and informality”. **Planning Theory**, 1, 8, 2009, p. 1-11.
- Sampaio, Daniel. “**Houve momentos em que achava que me devia deixar morrer**”. Entrevista a Christiana Martins. *Expresso*, 16 de abril de 2021. «HoH
- Santos, Boaventura de Sousa. “Uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências”. **A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura política**. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p. 87-125.
- Santos, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: Da pandemia à utopia**. Lisboa, 2020
- Schafer, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: UNESP, 2012.



Sennett, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro. Record, 1999.

Simone, AbdouMaliq. “The missing people. Reflections on an urban majority in cities of the south”. In Parnell, Susan e Oldfield, Sophie (orgs.). **The Routledge Handbook on Cities of the Global South**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014, p. 322-336.

Urry, John. **Sociology Beyond Societies**. Londres: Routledge, 2000.

Žižek, Slavoj. **A pandemia que abalou o mundo**. Lisboa: Relógio d’Água, 2020.

Ward, Paul R. “A sociology of the Covid-19 pandemic. A commentary and research agenda for sociologists”. **Journal of Sociology**, 56 (4), 2020, p. 726-735.

